DOI: 10.20396/cel.v66i00.8676791

DISCUTINDO O ENSINO DE DERIVAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA À LUZ DA APRENDIZAGEM LINGUÍSTICA ATIVA

DISCUSSING THE TEACHING OF DERIVATION IN BASIC EDUCATION IN THE LIGHT OF ACTIVE LINGUISTIC LEARNING

José Sarney de Sousa Martins Júnior [1]
Rafael Dias Minussi[2]

Resumo: O presente artigo mostra uma descrição e análise dos resultados de oficinas didáticas para o ensino de derivação que levaram em conta para sua elaboração a Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa. Essas oficinas foram aplicadas nos 6° e 9° anos de uma escola de rede municipal da cidade de Ipiranga, no Estado do Piauí. Desse modo, o trabalho pretende mostrar como esse método contribuiu para o ensino de língua portuguesa nos anos finais do ensino fundamental. A pesquisa desenvolvida tomou como base a Teoria Gerativa (Chomsky, 1986), com destaque para os aspectos metodológicos da Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa (Pilati, 2017), objetivando aliar teoria e prática. A fim de contribuir para a realização da transposição entre teoria e prática, foram elaboradas e aplicadas oficinas em duas séries do ensino fundamental II. Desse modo, o trabalho define-se como um estudo de campo de abordagem qualitativa, em que foram buscadas informações baseadas em fundamentações teóricas já existentes, a fim de relacioná-las e analisá-las em compasso com a metodologia em questão. Os resultados da análise das oficinas mostraram um relevante avanço em relação aos conhecimentos obtidos pelos alunos após a aplicação das oficinas. Percebeu-se, na prática, que a Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa fez diferença para o ensino de língua portuguesa na educação básica.
Palavras-chave: Aprendizagem linguística ativa, Morfologia, Derivação.

Abstract: The present article provides a description and analysis of the results of didactic workshops for teaching derivation, which were designed based on the Active Linguistic Learning Methodology. These workshops were conducted with 6th and 9th-grade students in a municipal school in the city of Ipiranga, in the state of Piauí. Thus, the study aims to demonstrate how this method contributed to the teaching of Portuguese language in the final years of elementary school. The research was developed based on Generative Theory (Chomsky, 1986), with emphasis on the methodological aspects of the Active Linguistic Learning Methodology (Pilati, 2017), aiming to bridge theory and practice. In order to contribute to the implementation of this theory-practice transition, workshops were designed and applied in two grades of Elementary School II. Thus,

[1] Mestre em Letras (Linguística) pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP, São Paulo, SP. Brasil. sarneyjunior1995@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8010-8967.
[2] Professor do Departamento e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP, São Paulo, SP. Brasil. rafael.minussi@unifesp.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-4103-8796.

the study is characterized as a qualitative field study, in which information was sought based on existing theoretical foundations, to relate and analyze them in accordance with the methodology in question. The results of the workshop analysis showed a significant improvement in the knowledge acquired by the students after the workshops. In practice, it was observed that the Active Linguistic Learning Methodology made a difference in the teaching of the Portuguese language in basic education.
Keywords: Active linguistic learning, Morphology, Derivation.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, linguistas formais têm se dedicado a analisar e dar sua contribuição para o ensino de gramática, levando em consideração os diferentes níveis de análise linguística (Duarte, 2007; Foltran, 2013; Kenedy, 2013; Lobato, 2015; Pires de oliveira e Quarezemin, 2016; Pilati, 2017; Muller e Martins, 2021; Minussi e Barbosa, 2021). Esses mesmos autores têm afirmado que o ensino de gramática, apresentado nos livros didáticos, traz ainda uma visão taxonômica para o ensino de língua e não leva em consideração a intuição dos estudantes e o conhecimento linguístico que os alunos têm ao chegar na escola (Lobato, 2015). Dessa forma, a Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa esboçada por Pilati (2017), que tem como pressuposto, a partir da Teoria Gerativa de Chomsky (1986), levar em consideração o conhecimento prévio do estudante, surge como uma luz para o trabalho com a gramática da língua portuguesa no campo educacional.

Nesse intuito, neste artigo, é realizada uma análise de como pode ser abordado o ensino de derivação à luz da Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa, através de oficinas didáticas aplicadas nos 6° e 9° anos de uma escola de rede municipal na cidade de Ipiranga no Estado do Piauí. Neste estudo, elaboramos uma sequência de oficinas para promover a consciência morfológica dos alunos e iniciar uma reflexão sobre o processo de derivação, em comparação, em alguns momentos, com o processo de flexão. Além disso, por meio dos resultados apresentados nas oficinas, pudemos observar como a metodologia empregada contribuiu para o ensino de língua portuguesa, mais especificamente para o ensino de morfologia e de derivação nos anos finais do ensino fundamental.

Nas próximas seções, faremos um breve panorama de como é apresentada a discussão da derivação, em relação à flexão, nos livros didáticos e localizaremos essa discussão dentro dos estudos morfológicos. Além disso, descreveremos a Metodologia da Aprendizagem Ativa, assim como as oficinas elaboradas e os questionários aplicados, para, enfim, fazermos uma descrição detalhada dos resultados desses questionários e das oficinas aplicadas.

2. BREVE PANORAMA DA ABORDAGEM DA DERIVAÇÃO EM GRAMÁTICAS E LIVROS DIDÁTICOS

Iniciamos esta seção pela observação de que há poucos trabalhos dedicados ao ensino e reflexão sobre formação e derivação de palavras. Entre esses trabalhos, podemos destacar Gonçalves (2007), Minussi e Barbosa (2021) e Scher et al (2022). Ao tomarmos a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no entanto, percebemos que há, em algumas habilidades, a menção ao processo de derivação, ou ao ensino de formação de palavras. Entre essas menções, detacamos duas habilidades dos 6º e 7º anos do ensino fundamental, que se relacionam com este estudo:

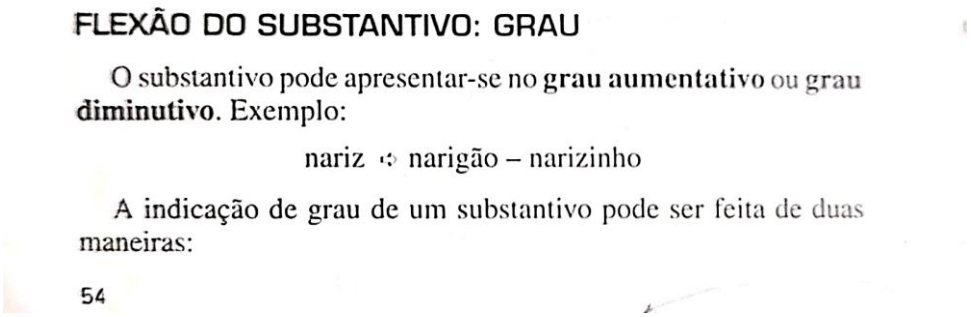
(EF07LP03) Formar, com base em palavras primitivas, palavras derivadas com os prefixos e sufixos mais produtivos no português.
(EF067LP35) Distinguir palavras derivadas por acréscimo de afixos e palavras compostas.

(Brasil, 2018, p. 171)

É importante ressaltar que, neste estudo, preliminarmente, preocupamo-nos em diferenciar o processo de derivação do processo de flexão, utilizando, por sua vez, a noção de grau nos nomes em português, pois há uma importante discussão sobre os limites entre derivação e flexão, quando o assunto é o grau nos nomes (Câmara Jr, 1970; Gonçalves, 2007 e Rocha (2008), entre outros). Além disso, buscamos observar como o grau era abordado nas gramáticas escolares e nos livros didáticos que eram utilizados pelos alunos da escola, onde seriam aplicadas as oficinas.

Enquanto Câmara Jr (1970) defende, por exemplo, que "a expressão de grau não é um processo flexional em português, porque não é um mecanismo obrigatório e coerente, e não estabelece paradigmas exaustivos e de termos exclusivos entre si" (Câmara Jr, 1970, p. 83), nas gramáticas e nos livros didáticos, como aponta Gonçalves (2007), não existe consenso sobre as formas do grau serem consideradas flexão ou derivação. É o que percebemos quando analisamos duas gramáticas e um dos livros didáticos.

Figura 1: Grau como flexão na gramática



FLEXÃO DO SUBSTANTIVO: GRAU

O substantivo pode apresentar-se no **grau aumentativo** ou grau **diminutivo**. Exemplo:

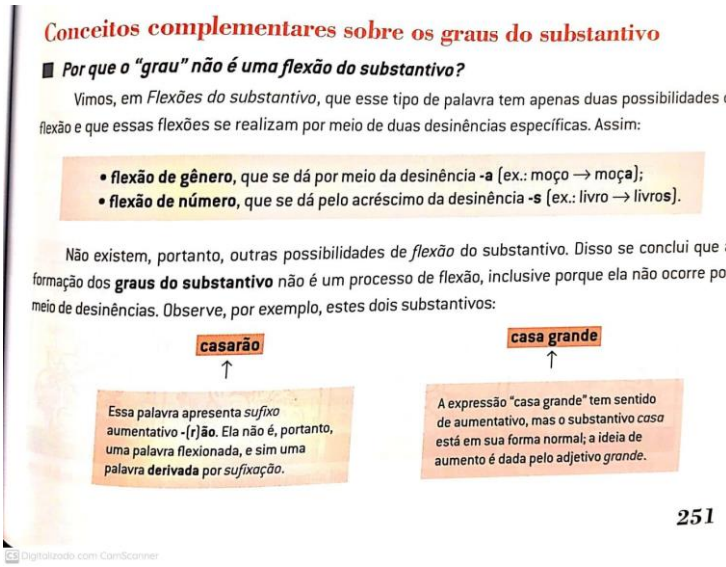
nariz ⇨ narigão – narizinho

A indicação de grau de um substantivo pode ser feita de duas maneiras:

54

Fonte: (Tufano, 2006, p. 54)

Figura 2: Grau como derivação na gramática



Conceitos complementares sobre os graus do substantivo

Por que o "grau" não é uma flexão do substantivo?

Vimos, em *Flexões do substantivo*, que esse tipo de palavra tem apenas duas possibilidades de flexão e que essas flexões se realizam por meio de duas desinências específicas. Assim:

- **flexão de gênero**, que se dá por meio da desinência **-a** (ex.: moço → moça);
- **flexão de número**, que se dá pelo acréscimo da desinência **-s** (ex.: livro → livros).

Não existem, portanto, outras possibilidades de *flexão* do substantivo. Disso se conclui que a formação dos **graus do substantivo** não é um processo de flexão, inclusive porque ela não ocorre por meio de desinências. Observe, por exemplo, estes dois substantivos:

casarão ↑ Essa palavra apresenta *sufixo* aumentativo **-(r)ão**. Ela não é, portanto, uma palavra flexionada, e sim uma palavra **derivada** por *sufixação*.

casa grande ↑ A expressão "casa grande" tem sentido de aumentativo, mas o substantivo *casa* está em sua forma normal; a ideia de aumento é dada pelo adjetivo *grande*.

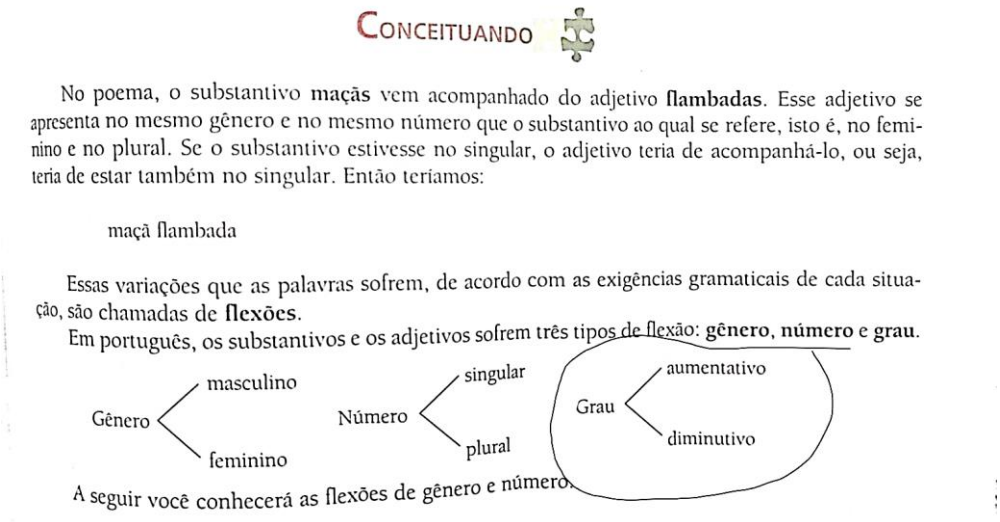
251

Fonte: Ferreira (2014, p. 251)

Como podemos observar, algumas gramáticas mais recentes trazem o grau como derivação nos capítulos de formação das palavras (cf. Ferreira, 2014); outras gramáticas mostram o grau como flexão do substantivo e adjetivo (cf. Tufano, 2006), dando enfoque ao caráter flexional do grau, sem maiores informações e explicações no que diz respeito ao sentido e ao contexto das palavras destacadas. Essa é uma discussão cara para a linguística e, em especial, para a morfologia, mas não será detalhada neste artigo[3], embora tenha sido levada em consideração para a elaboração das oficinas, e seja foco de uma oficina que discute a classificação das palavras entre derivadas e flexionadas.

No que se refere ao livro didático do 6º ano, uma das seções destinada ao estudo de flexão, mostra, inicialmente, o grau como uma flexão do substantivo, em um pequeno tópico, juntamente com o gênero e o número no esquema, sem maiores exemplificações:

Figura 3: Derivação e Flexão no livro didático do 6º ano



CONCEITUANDO

No poema, o substantivo **maçãs** vem acompanhado do adjetivo **flambadas**. Esse adjetivo se apresenta no mesmo gênero e no mesmo número que o substantivo ao qual se refere, isto é, no feminino e no plural. Se o substantivo estivesse no singular, o adjetivo teria de acompanhá-lo, ou seja, teria de estar também no singular. Então teríamos:

maçã flambada

Essas variações que as palavras sofrem, de acordo com as exigências gramaticais de cada situação, são chamadas de **flexões**.

Em português, os substantivos e os adjetivos sofrem três tipos de flexão: **gênero**, **número** e **grau**.

Gênero: masculino, feminino

Número: singular, plural

Grau: aumentativo, diminutivo

A seguir você conhecerá as flexões de gênero e número.

Fonte: (Cereja & Magalhães, 2012, p.118)

É possível observar que os autores do livro corroboram com a afirmação de Gonçalves (2007), que diz que os livros didáticos até os dias atuais ainda continuam trabalhando estes conteúdos como categorias niveladas em número, gênero e grau, dadas em mesmas seções morfológicas.

Para trazer luz à discussão, vale a pena ressaltar algumas das recomendações que Gonçalves (2007, p. 165-166) faz em relação ao ensino do grau.

- Desvincular a abordagem do grau, do gênero e do número, pois, diferentemente do grau, o gênero e número exigem a concordância com o nome e são processos diferentes de gradação;
- Evitar a nomeação "flexão de grau" e chamar esse processo morfológico de "modificação de grau" ou "variação de grau", pelo fato de o grau não ser totalmente flexão;
- Desmistificar a ideia de que os afixos dimensivos expressam apenas tamanho, uma vez que raramente esses afixos são empregados com tal conteúdo;

[3] Uma discussão mais detalhada sobre a classificação do grau como flexão ou derivação em gramáticas e livros didáticos pode ser encontrada em Martins Júnior (2024).

- Atentar-se aos casos de lexicalização, que é um processo em que palavras assumem significados não composicionais.

Na próxima seção, descrevemos a Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa, a qual foi aplicada na elaboração das oficinas.

3. A METODOLOGIA DA APRENDIZAGEM LINGUÍSTICA ATIVA

Para melhor compreendermos a metodologia empregada neste trabalho, a Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa busca, na prática, possibilitar "o aprendizado consciente, crítico e mais efetivo da estrutura e das virtualidades do idioma" (Pilati, 2017, p. 16). Compreende-se que esse método em sala de aula leva o aluno a executar um papel de protagonista do seu próprio processo de ensino-aprendizado, levando-o a conscientizar-se do que está, de fato, aprendendo, com a sua participação de maneira ativa nas aulas de língua portuguesa.

> A partir dessa metodologia, professores do ensino básico têm desenvolvido trabalhos que possibilitam a compreensão do sistema que subjaz a nossa língua, promovem a tomada de consciência do conhecimento linguístico por parte dos alunos e auxiliam os alunos a se tornarem mais autônomos e críticos. Tudo isso proporciona ao aluno uma melhora em sua produção textual. (Minussi, 2021, p. 7)

Nessa perspectiva, o conceito de criar atividades com a Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa para o ensino de língua é algo que vem adentrando às pesquisas e às práticas de professores na contemporaneidade. Assim, fica perceptível que essas atividades vêm somar com o ensino, na busca de levar ao aluno uma maneira mais prática de desenvolver com habilidade as produções textuais. Na metodologia abordada, não se busca extinguir a gramática normativa, mas repensar os métodos de aprendizagem dos conteúdos ministrados pelo professor e o modo como o aluno vai recebê-los.

Os princípios norteadores da Aprendizagem Linguística Ativa, segundo Pilati (2017), são três:

Princípio I: Levar em consideração o conhecimento prévio do aluno.

> Em termos linguísticos, o conhecimento prévio dos estudantes é muito complexo e profundo, pois, devido à Faculdade da Linguagem, ao chegarem à educação básica, todos os estudantes já dominam sua língua com perfeição. Portanto, eles já possuem um conhecimento linguístico vasto. Todavia, apesar de seu conhecimento prévio, os estudantes não possuem critérios objetivos para a análise linguística. (Pilati, 2021, p. 112)

De acordo com a autora, este princípio da Aprendizagem Linguística Ativa mostra que se deve levar em consideração o que o aluno já possui de conhecimento prévio, visto que, de acordo com os estudos de Chomsky, os seres humanos já possuem uma gramática da língua antes mesmo de chegar à escola, mesmo sem ter estudado gramática.

Para que se possam compreender mais a fundo estes aspectos já existentes na cognição do aluno, o professor precisa elaborar métodos que possam recolher informações intuitivas. Considerando "que o conhecimento linguístico dos estudantes é vasto e que os estudantes o utilizam de forma natural, é importante tornar os estudantes conscientes do que eles já sabem" (Pilati, 2021, p. 112). Portanto, um dos métodos utilizados para a coleta de dados sobre o conhecimento prévio é o questionário, seja ele

na forma digital ou impressa, no qual as perguntas são respondidas pelos alunos de maneira que possa gerar o maior número de dados que possibilitem ao professor/ pesquisador ter acesso a esses conhecimentos prévios.

Princípio II: Desenvolver o conhecimento profundo sobre qualquer assunto.

O segundo princípio diz respeito ao desenvolvimento do conhecimento profundo do aluno sobre qualquer assunto. As pesquisas com ênfase na Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa são muito importantes para as questões ligadas à linguagem, com a perspectiva de levar novos meios de fazer ensino de língua portuguesa, entretanto, a Aprendizagem Ativa pode ser levada às demais disciplinas, com o mesmo intuito, só que dentro das suas especificações.

Assim, segundo Pilati (2017), a ideia central do princípio II é que o aluno precisa desenvolver suas competências de maneira sólida, dentro de uma área do conhecimento, ou seja, o aluno deve:

> a) Possuir base sólida de conhecimento factual; b) Entender os fatos e as ideias dentro do arcabouço conceitual e organizar o conhecimento a fim de facilitar sua recuperação e aplicação; c) Usar a metacognição, ou seja, os estudantes devem ser orientados para ter o controle de sua própria aprendizagem por meio da definição dos objetivos da aprendizagem e do monitoramento do seu progresso em alcançá-los. (Pilati, 2017, p. 105)

Dentro desta perspectiva, o aluno é levado a identificar padrões, compreender, de fato, o assunto em que está participando, além de entender onde e como aplicar estes conhecimentos aprendidos, tudo isso a partir de atividades organizadas pelo docente, ajudando o aluno a compreender padrões básicos da língua que ele já domina, os processos de formação das palavras e sentenças essenciais, podendo-se utilizar estes conhecimentos obtidos nas suas leituras e produções textuais e até mesmo nas seleções argumentais, por exemplo.

Princípio III: Promover a aprendizagem ativa por meio do desenvolvimento de habilidades metacognitivas.

Nesse contexto, a ideia central defendida pela autora em relação ao terceiro princípio é acrescentar ao ensino de língua portuguesa propostas, a partir da aprendizagem ativa, que venham a fazer com que o aluno desenvolva suas habilidades metacognitivas.

Dessa maneira, a proposta de Pilati (2017) é que os alunos possam ser inseridos no ensino de maneira ativa, não sejam espectadores no processo de ensino-aprendizado, mas que participem do processo como protagonistas da sua própria aquisição de conhecimentos em sala de aula, aprendendo e posteriormente podendo analisar, testar, aplicar e até ampliar e conhecer novas formas daquilo que aprenderam.

Para que se mantenha firme a proposta sugerida pela aprendizagem ativa, Pilati (2017, p. 108) destaca que “esse aprendizado ativo requer que, nas práticas em sala de aula, haja momentos para a criação do sentido, para a autoavaliação e para reflexão sobre o que funciona e o que precisa ser melhorado no processo de aprendizagem”.

Para tanto, é necessário que os profissionais da área tenham consciência de que as aulas não podem se manter no tradicionalismo gramatical, sem que haja uma probabilidade de interação e criação de sentido conjunto, com a participação do alunado. Assim, faz-se necessária a autoavaliação do que é colocado em prática nas aulas de língua portuguesa, a fim de buscar aperfeiçoar a dinâmica das aulas.

A conscientização dos profissionais da educação sobre novas práticas em sala de aula vem tomando proporção com o avanço das tecnologias, assim, nota-se que a Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa vem buscando espaço entre os docentes através de pesquisas que buscam desenvolver atividades pautadas em materiais manipuláveis.

A pesquisa realizada justifica-se pela necessidade de compreensão de alguns conceitos. Gonçalves (2007) levanta uma problemática sobre a posição em que se encontram os conteúdos de flexão e derivação em livros didáticos ou gramáticas normativas, podendo ser eles apresentados em diferentes seções ou até mesmo em seções atreladas. Essa divergência é causa de bastantes discussões entre pesquisadores, bem como desordem no processo de ensino-aprendizagem.

Neste artigo, pretende-se discutir atividades baseadas na Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa desenvolvidas para o ensino de derivação na educação básica em sala de aula, nas turmas dos 6° e 9° anos, além de: (i) observar as contribuições da Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa para o ensino de língua portuguesa e (ii) refletir sobre os avanços obtidos com a aplicação das oficinas didáticas.

4. MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa desenvolvida tomou como base teórica a Teoria Gerativa (Chomsky, 1986), com destaque para a metodologia pertencente ao quadro da Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa (Pilati, 2017), objetivando aliar teoria e prática.

O trabalho define-se como um estudo de campo de abordagem qualitativa, em que foram buscadas informações baseadas em fundamentações teóricas já existentes, a fim de relacioná-las e analisá-las em compasso com a pesquisa em questão. Segundo Gil (2002), a pesquisa de campo busca gerar observações de contato direto com determinados grupos ou comunidades, participantes da pesquisa. Para que a pesquisa pudesse ser desenvolvida, foi necessário ser aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo-UNIFESP[4].

O estudo buscou observar o que os alunos já sabiam sobre morfologia da língua portuguesa, em relação ao conteúdo de derivação e, levando-se em conta a discussão teórica entre os limites da derivação e da flexão, também observamos, em um primeiro momento, o que os alunos já sabiam sobre flexão. Tais conteúdos foram observados através de um questionário inicial para que, com esse resultado, pudéssemos promover a aprendizagem ativa por meio da aplicação das oficinas e, por fim, obter resultados por meio de um questionário final. Na sequência, apresentamos os dois questionários.

[4] A aprovação da pesquisa no Comitê de Ética e Pesquisa da UNIFESP aconteceu no dia 23 de março de 2023, com o número do parecer 5.959.044.

QUESTIONÁRIO DE CONHECIMENTOS PRÉVIOS

1. Você sabe português?

( ) SIM ( ) NÃO

2. Você sabe a gramática da língua portuguesa?

( ) SIM ( ) NÃO

3. Você gosta de gramática? Por quê?

( ) SIM ( ) NÃO

4. Você acha importante estudar gramática?

( ) SIM ( ) NÃO

5. Você acha gramática difícil? Por quê?

( ) SIM ( ) NÃO

6. Você conhece a Morfologia da Língua Portuguesa?

( ) SIM ( ) NÃO

7. Você sabe o que é uma palavra derivada?

( ) SIM ( ) NÃO

8. Você consegue produzir/criar palavras com as terminações **-eiro(a)**, **-dor** e **-ista**? Forme uma com cada terminação.

a) _____EIRO
b) _____ISTA
c) _____DOR

9. Qual o significado das palavras produzidas acima?
10. O termo **felizmente** é uma derivação que tem como base qual palavra abaixo?

Felicidade **Feliz** **Infelizmente**

11. Complete as frases abaixo e forme palavras de acordo com os itens que estão destacados no final de cada frase:

a. Quem trabalha com a venda de verdura é um _____ **(verdura)**;
b. Quem se dedica a cuidar de flores é um _____**(flor);**
c. Quem trabalha com a construção de casas é um_____**(pedra);**
d. Quem trabalha com cobranças é um _____**(cobrar);**
e. Quem se dedica ao ato de enganar é _____ **(enganar);**
f. Quem vende ou produz jornais é um_____**(jornal);**
g. Chama-se _____ aquele que faz adestramento de animais **(adestrar);**
h. Aquele que tem o dom de cantar pagode é um_____ **(pagode);**
i. A profissão daquele que cozinha é _____ **(cozinha);**
j. Quem trabalha com a manutenção sistema de canos é um_____ **(cano).**

12. Levando em consideração as frases: "Júlia está uma **mocinha** linda" e "Júlia é a **mocinha** da novela das nove", você acha que as palavras destacadas têm o mesmo significado?

a) ( ) Sim, nas duas colocações, a palavra "mocinha" tem o mesmo significado, pois em ambas carrega o sentido de uma garota bonita e ingênua.

b) ( ) Não, pois na primeira frase, a palavra "mocinha" está se referindo a uma garota bonita, enquanto na segunda se refere a uma garota que se caracteriza como heroína da novela das nove.

13. As palavras **pastel** e **pasteis** têm o mesmo significado? O que muda entre essas palavras?

a) ( ) Sim, as palavras possuem o mesmo significado, pois ambas referem-se a mais de um pastel.
b) ( ) Não, as palavras têm sentidos diferentes, pois "pastel" refere-se a apenas um item, logo "pasteis" traz o significado de dois ou mais.

14. As palavras **menino** e **menina** têm o mesmo significado?

a) ( ) Sim, as palavras se referem a pessoas do mesmo gênero.
b) ( ) Não, pois a palavras se diferenciam em gênero masculino e feminino.

Neste primeiro questionário, buscamos compreender como o aluno percebe, empiricamente, o ensino de gramática normativa e como ele expõe seus conhecimentos prévios, mesmo sem identificar ou especificar tais assuntos, pois Freire (1997) já dizia que se deve levar ao aluno condições para que ele possa participar da aula de maneira ativa, aguçando sua criticidade, problematizando e levantando hipóteses, para tornar-se, assim, um ser participativo.

QUESTIONÁRIO FINAL

1. Após a aplicação das aulas, você considera que sabe a gramática da língua portuguesa?

( ) SIM ( ) NÃO

2. Você gostou do método para ensinar gramática utilizado nas aulas? Por quê?

a) ( ) Sim, porque aprendi com mais facilidade os conteúdos em sala de aula.
b) ( ) Não, pois achei a forma de aprender o conteúdo mais difícil.

3. Você achou importante estudar esses conteúdos da gramática? Por quê?
4. Achou os conteúdos difíceis?

( ) SIM ( ) NÃO

5. Após as aulas você sabe o que é uma palavra derivada?

a) É uma palavra que não é formada a partir de outra.
b) É uma palavra formada a partir da junção de duas palavras.
c) Um tipo de palavra formada a partir de outras palavras já existentes.
d) é a modificação de uma palavra para expressar diferentes categorias gramaticais, como modo, tempo, voz, aspecto, pessoa, número, gênero e caso.

6. No termo **fazendeiro** existe um processo de?

Derivação **Flexão**

7. Qual o processo gramatical ocorre para diferenciar as palavras **menino** e **menina**?

Derivação **Flexão**

8. O que você achou diferente nas nossas aulas?
9. O que você mais gostou nas nossas aulas?
10. O que você não gostou nas nossas aulas?

A pesquisa aconteceu na Escola Municipal Sinobilina, situada no município de Ipiranga do Piauí, localizado no centro-sul piauiense, cuja população é de 9.420 habitantes, conforme dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, (IBGE, 2023).

Participaram da pesquisa 34 alunos no total, sendo 21 alunos do 6° e 13 alunos do 9° ano do ensino fundamental, com faixa etária entre 12 e 15 anos. Os participantes são alunos que trazem consigo contextos diferentes em termos econômicos, sociais e, principalmente, linguísticos. Para participarem da pesquisa de maneira legal, segura e ética, foi necessário assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

Para a aplicação das oficinas criamos 8 atividades ministradas em cada turma, sendo uma turma do 6° e uma do 9° ano. Para melhor compreensão de como as oficinas funcionaram, elaboramos um quadro explicativo que contém o cronograma das oficinas apresentadas de maneira resumida. Abaixo, segue o quadro com a descrição de cada uma:

Quadro 1: Descrição das oficinas

CRONOGRAMA DAS OFICINAS	
ATIVIDADE	**DESCRIÇÃO**
1ª AULA: APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO SOBRE CONHECIMENTO PRÉVIO	**Objetivo:** Diagnóstico do conhecimento prévio de acordo com Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa (Pilati, 2017). **Descrição:** Aplicação de um questionário para diagnosticar o conhecimento prévio dos alunos das turmas do 6º e 9º anos. O questionário será respondido pelos alunos na presença do pesquisador, para casos de dúvidas ou qualquer outra indagação.
2ª AULA: AVALIAÇÃO DEVOLUTIVA DO CONHECIMENTO PRÉVIO DO ALUNO NO QUESTIONÁRIO	**Objetivo:** Avaliação do questionário sobre conhecimento prévio. **Descrição:** Nesta aula, pretende-se avaliar, junto aos alunos, os conhecimentos prévios acerca do que foi tratado no questionário, a fim de que o professor e alunos possam, juntos, refletir sobre as respostas. Nesta etapa, o professor irá ajudar o aluno a tornar-se consciente sobre a sua bagagem de conhecimento linguístico, adquirida no seu contato social em contextos reais de uso, junto aos conhecimentos obtidos nas aulas de língua portuguesa.
3ª AULA: INTRODUÇÃO AO SISTEMA DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS A PARTIR DE ATIVIDADE COM O DICIONÁRIO	**Objetivo: 1)** Conhecer o funcionamento e estruturação das palavras, a partir de exemplos que possam se somar aos conhecimentos prévios já obtidos pelos alunos e assim exemplificar com temas do cotidiano. **2)** Conhecer o sistema linguístico de estrutura e formação das palavras ajudará o aluno a compreender com mais precisão as oficinas aplicadas. Além disso, essa aula consistirá na utilização do dicionário de língua portuguesa impresso, a fim de realizar uma reflexão acerca das palavras derivadas e da inexistência de palavras flexionadas no dicionário. Esta atividade é essencial para que o aluno consiga compreender melhor a diferença entre flexão e derivação. **Descrição:** - O professor apresentará aos alunos algumas palavras derivadas e flexionadas e os alunos escolherão as palavras; - Em seguida, o professor pedirá que os alunos busquem no dicionário as palavras que forem escolhidas por eles; - À medida que as palavras forem sendo encontradas, ou não, o professor irá mediar com explicações sobre o motivo dessa diferença, uma vez que as palavras derivadas podem ser encontradas no dicionário, mas as flexionadas não; - Com base no desenvolvimento das atividades, o professor também conseguirá mostrar aos alunos a diferença entre flexão e derivação, a partir de exemplos concretos;

	A lousa será dividida em dois lados (lado da flexão e lado da derivação), para que as palavras sejam coladas/escritas no seu respectivo lado, após as considerações[5]; - As palavras utilizadas serão: passageiro, condicionador, boleiro, pagodeiro, pregador, provocador, investigador, contador, jogador, educador, ditador, abridor, cuidador, fazendeiro, enfermeiro, bagunceiro, frentista, linguista, pianista, soldada, objetivos, menininho, blusinha, professora, mesinha radares, telhas, televisões, papeis, jornais, lençóis, anelzinho, cabeção, filmaço, vozeirão, jogadora, cuidadora, sandalinha, bolona, celularzinho, mulherzinha. É importante destacar, durante essa aula, a variação de grau a partir de palavras, uma vez que há palavras que têm as terminações **-inho** e **-ão**, por exemplo, mas não são consideradas grau do diminutivo ou aumentativo como, por exemplo: moinho, farinha, sabão, ladrão. Nesse momento, o uso do dicionário pode ajudar a comprovar essas diferenças. É possível também nessa aula, levantar a hipótese de que algumas palavras consideradas novas não estejam no dicionário como: twitteiro, blogueiro, influencer. O professor poderá sugerir que os alunos apresentem exemplos de outras palavras novas que façam parte do seu cotidiano, no intuito de chegar a palavras como: namorido, chafé, atacarejo, abreijo, gratiluz, as quais são consideradas *blends*
4ª AULA: ATIVIDADE DE CONSCIÊNCIA MORFOLÓGICA	**Objetivo:** Essa atividade tem como objetivo fazer com que os alunos possam reconhecer a estrutura interna das palavras e, consequentemente, observar os morfemas. É uma atividade com foco na formação de palavras derivadas. **Descrição:** Serão utilizados materiais impressos para facilitar a manipulação destes morfemas diante das palavras que serão formadas pelos alunos. As palavras, previamente selecionadas, terão seus morfemas separados e os alunos deverão formar as palavras. É importante levar em consideração para seleção de palavras e

[5] Por motivo de espaço e de recorte, optamos por não trazer toda a discussão que há na literatura sobre as diferenças e limites entre derivação e flexão, principalmente no que diz respeito ao grau. Remetemos nosso leitor à dissertação de Martins Júnior (2024), que faz uma descrição do conceito de grau encontrado nas gramáticas escolas e livros didáticos, apontando que nesses materiais o grau é descrito tanto como derivação quanto flexão, contrariando o que aponta a literatura especializada que classifica o grau como derivação (cf. Câmara Junior (1970) e Gonçalves (2007)). Câmara Junior (1970, p. 83) cita que a inclusão do grau "na flexão nominal decorreu da transposição pouco inteligente de um aspecto da gramática latina para nossa gramática". Além disso, a análise realizada por Martins Junior (2024) observou que, nas gramáticas escolares e livros didáticos, o tratamento do grau é bastante restrito, limitando-se a listas de sufixos e, raramente, há uma discussão sobre a semântica dos sufixos avaliativos.

	morfemas o contexto social e cultural dos alunos. Nesta atividade, serão utilizados radicais de palavras, além dos sufixos **-dor**, **-eiro, -ista,** por causa da produtividade e alta frequência[6]. Pode ser elaborada uma tabela com os seguintes itens: "prefixo", "radical", "base", "tema", "vogal temática verbal" e "sufixo"[7], de acordo com as palavras a serem analisadas. Os alunos deverão escolher os morfemas e montar as palavras, colando/escrevendo dentro do quadro da tabela, na posição em que o morfema ocorre. O prefixo no lugar do prefixo, o radical no lugar do radical, a vogal temática verbal no lugar da vogal temática verbal, a base da palavra, quando esta for requerida etc. Após a realização desta atividade, as definições de derivação e seus tipos (prefixal e sufixal) serão retomadas. Nessa oportunidade, poderão ser levados alguns exemplos de outros tipos de derivação, para que o aluno consiga ter acesso a outros processos derivacionais.
5ª AULA: ATIVIDADE DA SEMÂNTICA DAS PALAVRAS	**Objetivo: 1)** trabalhar a semântica de alguns sufixos com os alunos e **2)** continuar a trabalhar as semelhanças e diferenças entre derivação e flexão, por meio da mudança de classe. **Descrição:** Nessa aula será utilizada a letra da música "Saga de um vaqueiro", que contém algumas palavras derivadas e flexionadas. Professor e alunos lerão o texto juntos e, ao término da leitura, os alunos irão se juntar em equipes (por sorteio) e vão procurar por palavras derivadas e flexionadas, grifá-las e separá-las. Ao finalizarem a etapa anterior, cada equipe terá que mostrar as palavras que encontraram, explicar o significado de duas palavras derivadas e, por fim, fazer a separação por morfemas, descrevendo a base das palavras derivadas destacadas. Por fim, o professor poderá pedir aos alunos para formar frases curtas com algumas das palavras usadas e falar sobre os seus significados dentro da frase produzida. Nessa oportunidade, o professor poderá abordar sobre a possível mudança de classe gramatical que algumas palavras sofrem e destacar os sufixos que permitem tal mudança de classe. Alguns exemplos de palavras que mudam de classe por meio da sufixação são: condicionar/condicionador, comprar/comprador,

[6] Segundo Barbosa (2017), os sufixos -dor, -eiro e -ista estão entre os seis sufixos de alta frequência do português.

[7] A tabela, que pode ser vista na Figura 5, levou em consideração o trabalho de Minussi e Barbosa (2021), no qual os autores discutem o ensino de morfologia, por meio do padrão de formação de palavras do português. Neste trabalho, os autores defendem o ensino da formação de palavras e o ensino das classes de palavras, tomando a ordem em que constituintes como, por exemplo, prefixo, raiz/radical, vogal temática, sufixos adjetivais, sufixos verbalizadores e sufixos nominais aparecem nas palavras.

	salvar/salvação, explicar/explicação, criar/criação, jogar/jogador.
6ª AULA: APLICAÇÃO DE JOGOS E/OU MATERIAIS MANIPULÁVEIS	**Objetivo:** Seguindo o terceiro princípio da Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa (Promover a aprendizagem ativa por meio do desenvolvimento de habilidades metacognitivas), a atividade tem como objetivo avaliação e fixação do aprendizado, além de promover a reflexão metacognitiva. **Descrição:** Serão elaboradas atividades com materiais manipuláveis, em que os morfemas e radicais serão impressos em papel, para que os alunos possam formar palavras. Essa proposta, além de avaliar o conhecimento adquirido, permite ao aluno fixar e colocar em prática seu conhecimento sobre os conteúdos de derivação. A atividade também poderá ser realizada em ambiente digital, se a escola tiver esse recurso disponível. Desse modo, aspectos multimodais poderão ser trabalhados.
7ª AULA: PRODUÇÃO TEXTUAL	**Objetivo:** Essa atividade consiste em observar o desenvolvimento do aluno acerca da compreensão e uso adequado das palavras derivadas na produção de texto. **Descrição:** O professor elaborará uma atividade de produção textual para que o aluno consiga produzir um texto, a partir dos conteúdos que foram abordados nas atividades. Desse modo, serão selecionadas 20 palavras derivadas para a livre escolha dos alunos. Eles terão de escolher pelo menos 7 delas e utilizá-las na construção textual.
8ª AULA: APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO FINAL	**Objetivo:** Avaliação do conhecimento adquirido. **Descrição:** O questionário final consistirá em perguntas que possam avaliar como se deu o processo de aplicação das oficinas e o que o aluno adquiriu de conhecimento enquanto participante das oficinas. As perguntas são baseadas tanto no primeiro questionário quanto nos conteúdos que foram discutidos durante as oficinas.

Fonte: Autoria própria

5. RESULTADOS DA APLICAÇÃO DAS OFICINAS

Como meio de avaliar a relevância da aplicação das oficinas e sua utilização como possível metodologia de ensino a ser empregada, nesta seção, descreveremos os resultados obtidos a partir da aplicação das oficinas. Desse modo, vamos comparar os resultados do questionário inicial e do questionário final. É necessário salientar que, devido à dimensão de informações que obtivemos nos resultados, destacaremos apenas alguns dos resultados mais importantes para a análise do trabalho em questão. Como pudemos observar em seção anterior, os questionários inicial e final continham perguntas

abertas e de múltipla escolha. O questionário inicial contava com 14 questões e o questionário final com 10 questões.

Iniciaremos mostrando os resultados das respostas do questionário inicial, que tinha como objetivo avaliar os conhecimentos prévios dos alunos. Tal questionário fez parte da primeira oficina. Entre as perguntas mais relevantes do questionário destacamos: "Você sabe a gramática da língua portuguesa?". Na Tabela 1, trazemos os resultados do 6º ano e na Tabela 2, trazemos o resultado obtido no 9º ano.

Tabela 1: você sabe a gramática da língua portuguesa? – (6° ano)

2ª) VOCÊ SABE A GRAMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA? (6° ANO)	
SIM	33%
NÃO	67%

Fonte: Autoria própria

Tabela 2: você sabe a gramática da língua portuguesa? – (9° ano)

2ª) VOCÊ SABE A GRAMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA? (9° ANO)	
SIM	8%
NÃO	92%

Fonte: Autoria própria

Na pergunta destacada nas Tabelas 1 e 2, obteve-se ampla maioria de respostas "não". No 6° ano, somente 7 alunos (33%) responderam "sim", e no 9° ano somente 1 aluno (8%) respondeu a mesma alternativa. Ao fazer uma reflexão com os alunos sobre o questionário inicial, os alunos puderam expressar os motivos pelos quais optaram em marcar que não sabiam gramática. Algumas respostas foram: "Não sei o que é gramática" e "Nunca estudei gramática". Nossa hipótese é de que os alunos responderam à questão levando em conta o conceito de gramática normativa.

Outra questão que gostaríamos de ressaltar é a questão 7, na qual levantamos a pergunta: "Você sabe o que é uma palavra derivada?". Assim, obtivemos as seguintes respostas das duas turmas:

Tabela 3: você sabe o que é uma palavra derivada? (6° ano)

6ª) VOCÊ SABE O QUE É UMA PALAVRA DERIVADA? (6° ANO)	
SIM	76%
NÃO	24%

Fonte: Autoria própria

Tabela 4: você sabe o que é uma palavra derivada? (9° ano)

6ª) VOCÊ SABE O QUE É UMA PALAVRA DERIVADA? (9° ANO)	
SIM	85%
NÃO	15%

Fonte: Autoria própria

Pode-se notar que as duas turmas tiveram respostas semelhantes, isto é, a maioria dos alunos respondeu que sabia o que era palavra derivada. Na devolução das respostas,

foi possível refletir com os alunos que os conteúdos de flexão e derivação compõem os conteúdos da área de Morfologia, e, assim, introduzir os temas que seriam abordados nas próximas oficinas.

Destacamos ainda uma pergunta em que buscávamos entender como era a compreensão dos alunos sobre o conteúdo de derivação. A pergunta foi levantada a fim de que os alunos fizessem a decomposição da palavra derivada e encontrassem a base. Esse tipo de exercício é realizado por muitos fonoaudiólogos com crianças, a fim de medir o nível de consciência morfológica. A palavra utilizada foi "felizmente" e a partir dela obtivemos os resultados:

Tabela 5: O termo felizmente é uma palavra derivada que tem como base qual palavra abaixo? (6° ano)

10ª) O TERMO FELIZMENTE É UMA PALAVRA DERIVADA QUE TEM COMO BASE QUAL PALAVRA ABAIXO? (6° ANO)	
FELICIDADE	00%
FELIZ	86%
INFELIZMENTE	5%
SEM RESPOSTA	9%

Fonte: Autoria própria

Tabela 6: O termo felizmente é uma palavra derivada que tem como base qual palavra abaixo? (6° ano)

10ª) O TERMO FELIZMENTE É UMA PALAVRA DERIVADA QUE TEM COMO BASE QUAL PALAVRA ABAIXO? (9° ANO)	
FELICIDADE	8%
FELIZ	38%
INFELIZMENTE	54%

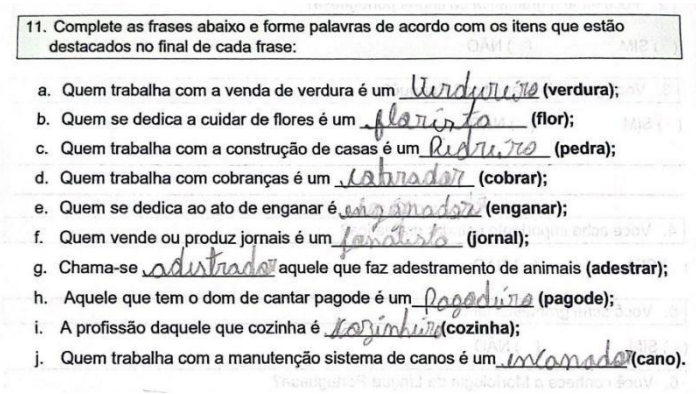
Fonte: Autoria própria

Os resultados das duas turmas apresentaram diferenças. Pode-se perceber na Tabela 5, referente ao 6° ano, que a maioria das respostas foram corretas, com 86%. No total, 18 alunos optaram por "feliz", 1 marcou "felizmente", 2 não responderam e nenhum respondeu a "felicidade". A porcentagem das respostas da questão 10 aproximou-se do resultado da questão 6, em que perguntamos se o aluno sabia o que era uma palavra derivada. Naquela questão, para o 6º ano, 16 alunos (76%) marcaram que sabiam o que era uma palavra derivada.

Em contrapartida, no 9° ano, os resultados foram diferentes. A maioria da turma respondeu incorretamente à questão, isto é, 7 alunos (54%) escolheram a opção "infelizmente", 1 aluno marcou "felicidade" e 5 alunos (38%) marcaram "feliz".

Posteriormente, em outra questão, foi proposto que os alunos completassem as frases com as devidas derivações das palavras em destaque. Cada opção continha uma oração com um contexto e, nos parênteses, havia a palavra base como sugestão de palavra a ser derivada e utilizada. A seguir, destacamos algumas respostas:

Figura 4: Respostas da questão 11 do questionário do 6º ano



11. Complete as frases abaixo e forme palavras de acordo com os itens que estão destacados no final de cada frase:

a. Quem trabalha com a venda de verdura é um verdureiro (verdura);
b. Quem se dedica a cuidar de flores é um floricultor (flor);
c. Quem trabalha com a construção de casas é um pedreiro (pedra);
d. Quem trabalha com cobranças é um cobrador (cobrar);
e. Quem se dedica ao ato de enganar é enganador (enganar);
f. Quem vende ou produz jornais é um jornalista (jornal);
g. Chama-se adestrador aquele que faz adestramento de animais (adestrar);
h. Aquele que tem o dom de cantar pagode é um pagodeiro (pagode);
i. A profissão daquele que cozinha é cozinheiro (cozinha);
j. Quem trabalha com a manutenção sistema de canos é um encanador (cano).

Fonte: Autoria própria

Na Figura 4, observam-se as respostas de um aluno do 6° ano. Todas as respostas estavam de acordo com o que se esperava da atividade, ou seja, o aluno fez as derivações de acordo com o esperado, utilizando os sufixos de maneira correta. O intuito dessa atividade era aguçar a intuição do aluno, fazendo com que ele utilizasse seu conhecimento linguístico e morfológico, além de verificar seu conhecimento prévio.

Trazemos também para esse panorama, como grande relevância, os resultados da 4ª oficina, denominada de atividade de consciência morfológica. Nesta atividade, os alunos tiveram acesso às palavras, que foram separadas em morfemas. Levamos esses elementos mórficos impressos e os alunos puderam manusear, como pede a Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa, que entre seus princípios destaca "Promover a aprendizagem ativa por meio do desenvolvimento de habilidades metacognitivas" (Pilati, 2017, p.101). No quadro da sala de aula, foram desenhados uma tabela e os diferentes tipos de morfemas ("prefixo", "radical", "tema", "vogal temática verbal" e "sufixo") foram alocados em cada coluna. Assim, os alunos puderam manusear cada morfema e alocá-lo na sua devida coluna da tabela, com o intuito de formar palavras derivadas.

Figura 5: Aplicação da atividade de consciência morfológica



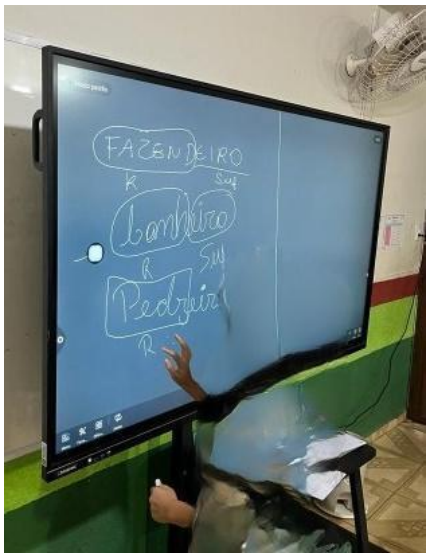
Fonte: autoria própria

A maioria dos alunos concluiu a atividade da Oficina 4 com êxito, dominando os conceitos e fazendo a distinção e classificação dos morfemas da atividade corretamente.

Nesta oficina, alguns alunos trocaram os sufixos de algumas palavras, como por exemplo “boleiro” por “bolista”, “pianista” por “pianeiro” e “abridor” por “abreiro”. Nesses momentos, houve a intervenção do professor, pedindo que os alunos revisassem essas palavras e percebessem o uso de cada um dos sufixos, fazendo a opção pelo uso de outros sufixos. É importante ressaltar que, embora algumas palavras não existam no uso da língua, devido ao bloqueio de outras formas (cf. Aronoff, 1976), ou por algum tipo de restrição (fonológica, paradigmática, pragmática e discursiva) (cf. Rocha, 2008), elas são palavras potenciais, uma vez que estão de acordo com o sistema da língua. Ao término da atividade, explanamos os conceitos de cada morfema com exemplos, a fim de que os alunos pudessem conhecer seus significados e fixá-los.

A “*atividade de consciência morfológica”* revelou excelentes resultados. Ao concluirmos a atividade, os alunos solicitaram que fizéssemos mais decomposições mórficas e o pedido foi atendido. Desse modo, destacávamos as palavras derivadas e os alunos faziam a decomposição na lousa digital, como pode ser observado na figura a seguir.

Figura 6: Aplicação da Oficina 4



Fonte: Autoria própria

Ainda podemos acrescentar o fato de que todos os alunos quiseram participar da decomposição mórfica das palavras derivadas na lousa, utilizando os morfemas de maneira adequada e comprovando o engajamento atingido pela atividade, que se mostrou um modo eficaz para o ensino de derivação, conforme poderemos ver pelos resultados do questionário final.

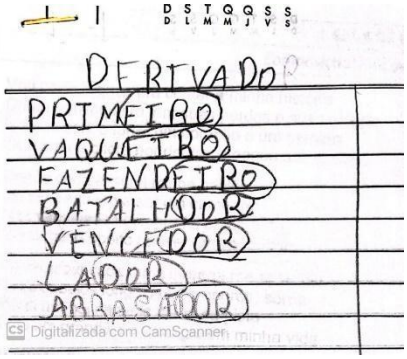
Destaca-se ainda a oficina em que foi realizada uma atividade intitulada “*atividade da semântica das palavras”.* Nessa atividade, utilizamos a música “Saga de um vaqueiro” da banda de forró Mastruz com Leite, composta por Rita de Cássia Oliveira dos Reis. A letra trabalhada na música assemelha-se a uma *fanfic*.

Nesta oficina, trabalhamos com a letra da música impressa. Enquanto líamos a letra, ouvíamos a música, que já era conhecida de todos os alunos, por se tratar de uma música que faz parte do cotidiano local.

Em seguida, colocamos em prática o que foi abordado nas oficinas anteriores. Levamos a proposta de uma atividade em que os alunos pudessem procurar palavras derivadas e flexionadas na letra da música, para, em seguida, classificar as palavras, novamente, em palavras derivadas e flexionadas.

Grande parte dos alunos conseguiu realizar a atividade de maneira ativa e adequada e um resultado nos chamou bastante atenção:

Figura 7: Atividade de seleção e classificação de palavras (6º ano)



Fonte: Autoria Própria

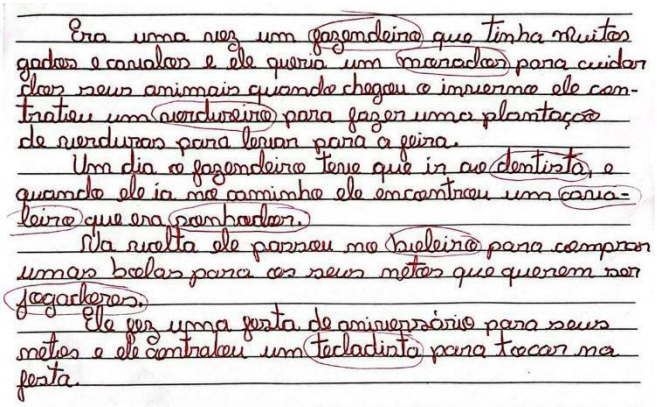
Observando as respostas dos alunos em relação à oficina, é possível notar que os alunos foram além do que a atividade solicitava, uma vez que eles não só classificaram as palavras em derivadas e flexionadas, mas também destacaram os morfemas das palavras. Na Figura 7, é possível perceber que 5 das 7 palavras produzidas pelo aluno estão corretas (com exceção de "primeiro" e "lador", que não foi uma palavra reconhecida).

Pudemos notar que, após a oficina de consciência morfológica, os alunos conseguiram ter uma visão mais ampla dos conteúdos de derivação, conhecendo os elementos mórficos, os sufixos "-eiro", "-dor" e "-ista", os quais foram muito utilizados durante as oficinas.

Destacamos, ainda, mais uma oficina intitulada *"atividade de produção textual a partir do gênero fanfic"*. Segundo Lobato (2015), não podemos abandonar a análise do material gramatical, porque "a explicitação dos mecanismos de que as línguas fazem uso e de seu efeito semântico ajuda o aluno a ganhar tempo no seu processo de domínio das técnicas do texto e das atividades discursivas em geral" (Lobato, 2015, p. 25). Nesta atividade, explanamos e exemplificamos o que é o gênero *fanfic*, antes de darmos início à produção textual, relembrando que a canção "Saga de um vaqueiro" é um exemplo desse gênero.

Pré-selecionamos 20 palavras primitivas para a atividade. Os alunos tinham de escolher no mínimo 7 delas, fazer a derivação por meio da utilização dos sufixos estudados (-eiro, -ista ou -dor), para produzir um texto no gênero *fanfic*. Todos os alunos realizaram a atividade. Na sequência, destacamos, nas Figura 8 e Figura 9, duas produções que nos chamaram atenção:

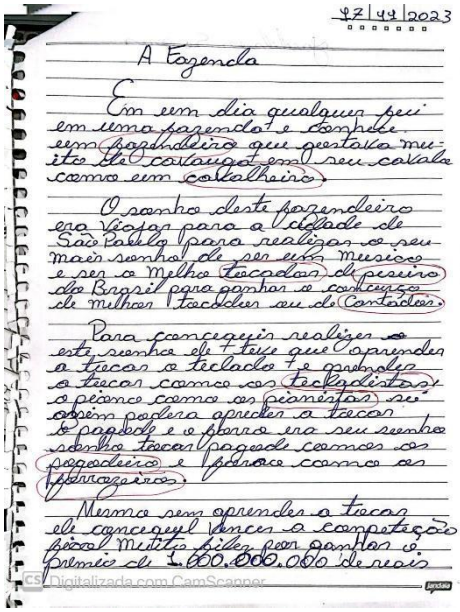
Figura 8: Atividade de produção textual (9° ano)


Era uma vez um fazendeiro que tinha muitos gados e cavalos e ele queria um morador para cuidar dos seus animais quando chegou o inverno ele contratou um verdureiro para fazer uma plantação de verduras para levar para a feira.
Um dia o fazendeiro teve que ir ao dentista, e quando ele ia no caminho ele encontrou um cavaleiro que era sonhador.
Na volta ele passou no boleiro para comprar umas bolas para os seus netos que querem ser jogadores.
Ele fez uma festa de aniversário para seus netos e ele contratou um tecladista para tocar na festa.

Fonte: Autoria própria

Na figura 8, o aluno seguiu o que se pedia na atividade, derivando ou flexionando as palavras de acordo com solicitado. Ao todo, o aluno derivou 9 palavras, sendo elas: “fazendeiro”, “morador”, “verdureiro”, “dentista”, “cavaleiro”, “sonhador”, “boleiro”, “jogadores” e “tecladistas”.

Figura 9: atividade de produção textual (9° ano)


27/04/2023

A fazenda

Em um dia qualquer fui em uma fazenda e conheci um fazendeiro que gostava muito de cavalgar em seu cavalo como um cavalheiro.

O sonho desse fazendeiro era viajar para a cidade de São Pablo para realizar o seu maior sonho de ser um musico e ser o melhor tocador de piseiro do Brasil para ganhar o campeonato de melhor tocador ou do Contador.

Para conseguir realizar o este sonho ele teve que aprender a tocar o teclado e aprender a tocar como os tecladistas o pisam como os pianistas se assim poderia aprender a tocar o pagode e o forro era seu sonho sonho tocar pagode como os pagodeiro e forro como os forrozeiros.

Mesmo sem aprender a tocar ele conseguiu vencer a competição ficou muito feliz com ganhou o premio de 1.000.000 de reais

Digitalizado com CamScanner

Fonte: Autoria própria

Percebe-se, na produção da figura 9, que o aluno fez a derivação de acordo com as palavras que estavam na tabela e como pedia o enunciado da atividade. Entretanto, além de derivar e flexionar as palavras, ele utilizou de sua realidade sociorregional e produziu as palavras “forrozeiro” e “piseiro”, cujas bases não foram pré-selecionadas, mas que são muito utilizadas pelos habitantes da região em que estava sendo realizada a pesquisa. Essas palavras derivam-se de “forró” e “pisar”, respectivamente, e têm como significado um ritmo musical típico do nordeste do país e um modo de dançar que acontece “pisando” de forma rápida.

Como conclusão da observação, pudemos perceber que a atividade de produção textual também serviu como uma avaliação de como os alunos apreenderam o conteúdo, de modo que percebemos que eles conseguiram associar os morfemas aos radicais e, principalmente, utilizá-los corretamente na prática de produção textual.

Por fim, analisamos as respostas dos alunos no questionário final. O questionário final consistiu em perguntas que pudessem avaliar o processo de aplicação das oficinas e, o que foi adquirido pelos alunos, no que se refere aos conteúdos de flexão e derivação. As perguntas foram baseadas tanto no primeiro questionário quanto nos conteúdos que foram discutidos durante as oficinas.

A primeira pergunta do questionário final foi igual à então realizada no primeiro questionário. Nela, perguntamos se os alunos sabiam gramática do português. No primeiro questionário, para o 6º ano, 67% dos alunos responderam que "não sabiam, enquanto, no 9° ano, 92% responderam que "não sabiam". Já no questionário final, após a aplicação das oficinas, obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 7: respostas do questionário final

1ª) APÓS A APLICAÇÃO DAS AULAS, VOCÊ CONSIDERA QUE SABE A GRAMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA? (6° ANO)	
SIM	95%
NÃO	00%
NÃO RESPONDEU	5%

Fonte: autoria própria

Tabela 8: respostas do questionário final

1ª) APÓS A APLICAÇÃO DAS AULAS, VOCÊ CONSIDERA QUE SABE A GRAMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA? (9° ANO)	
SIM	100%
NÃO	00%

Fonte: autoria própria

É notório que as respostas dos alunos mudaram em relação ao primeiro questionário, quando tínhamos realizado a mesma pergunta. Essa mudança se deve, principalmente, à conscientização dos alunos de que, uma vez que eles falam português, eles sabem a gramática de sua própria língua. Essa conscientização foi realizada com base na Teoria Gerativa (Chomsky, 1986), que diz que todos os seres humanos são dotados de uma Faculdade da Linguagem, que permite a aquisição de uma gramática interna, individual, que contém as regras da língua adquirida durante a fase de aquisição. Por meio dessa conscientização, os alunos puderem perceber que possuem um conhecimento linguístico de sua língua materna, o qual está contido na sua gramática interna e, durante as oficinas, puderam colocar esse conhecimento linguístico em uso.

A fim de avaliar como se deu o desenvolvimento do conhecimento do aluno em relação aos processos de derivação e flexão, abordados nas oficinas, levantamos a pergunta: "No termo <u>fazendeiro</u>, existe um processo de?" e obtivemos as seguintes respostas:

Tabela 9: respostas do questionário final

6ª) NO TERMO <u>FAZENDEIRO</u>, EXISTE UM PROCESSO DE? (6° ANO)	
FLEXÃO	00%
DERIVAÇÃO	95%
NÃO RESPONDEU	5%

Fonte: autoria própria

Tabela 10: respostas do questionário final

6ª) NO TERMO FAZENDEIRO, EXISTE UM PROCESSO DE? (9° ANO)	
FLEXÃO	00%
DERIVAÇÃO	92%
NÃO RESPONDEU	8%

Fonte: autoria própria

Nas respostas das Tabelas 9 e 10, observa-se novamente a evolução dos alunos com relação ao primeiro questionário, pois todos os alunos que responderam, marcaram a alternativa correta.

Observa-se que o 6° ano, 20 alunos (95%) marcaram a opção "derivação" e 01 não respondeu. Já no 9° ano, 12 alunos (92%) assinalaram "derivação" e apenas 01 aluno não respondeu. Obtivemos uma evolução nesse tipo de conhecimento, quando comparamos com o mesmo tipo de questão trazida no primeiro questionário, em que se preguntava sobre a base da palavra "felizmente". Naquele questionário, 86% dos alunos do 6° ano responderam corretamente a opção "feliz". Mas, em contrapartida, 54% dos alunos do 9° ano responderam incorretamente, optando pela letra "c", que tinha como opção "infelizmente". Deste modo, pode-se observar um avanço em relação a esse conteúdo no segundo questionário, em que todos os alunos que responderam à questão marcaram a opção correta.

Por fim, destacamos os resultados em que buscávamos saber a avaliação dos alunos sobre as oficinas ministradas. Nesta pergunta, os alunos podiam marcar mais de uma opção. Na Tabela 11, podem-se observar os resultados para a pergunta "O que você achou mais diferente em nossas aulas?":

Tabela 11: respostas dos alunos no questionário final

8ª) O QUE VOCÊ ACHOU MAIS DIFERENTE EM NOSSAS AULAS? (6° ANO)	TOTAL DE RESPOSTAS	%
O trabalho com novas dinâmicas para ensinar português.	16	76,19%
A maior participação dos alunos nas aulas.	10	47,61%
A utilização de novos materiais pedagógicos em sala de aula.	9	42,85%
A maneira de compreender os conteúdos, onde a aprendizagem acontece antes de entendermos o conceito.	13	61,90%

Fonte: autoria própria

Tabela 12: respostas dos alunos no questionário final

8ª) O QUE VOCÊ ACHOU MAIS DIFERENTE EM NOSSAS AULAS? (9° ANO)	TOTAL DE RESPOSTAS	%
O trabalho com novas dinâmicas para ensinar português.	12	92,30%
A maior participação dos alunos nas aulas.	7	53,84%
A utilização de novos materiais pedagógicos em sala de aula.	5	38,46%
A maneira de compreender os conteúdos, onde a aprendizagem acontece antes de entendermos o conceito.	9	69,23%

Fonte: autoria própria

As respostas descritas nas Tabelas 11 e 12 mostram que o que os alunos acharam mais diferente na aplicação das oficinas foi *"o trabalho como novas dinâmicas para ensinar português"*, opção de 76,19% dos alunos do 6° ano e 92,30% dos alunos do 9° ano. Pode-se notar que o trabalho dinâmico e a utilização de materiais manipuláveis foram essenciais para o sucesso das oficinas, segundo os alunos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo, que teve como foco descrever e analisar as oficinas para ensino de derivação, mostrou a eficácia da Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa, por meio das diferenças dos resultados atingidos entre o primeiro e o último questionário. Como ponto de partida para a discussão sobre derivação, levou-se em consideração, nas oficinas, a distinção entre derivação e flexão e a conscientização morfológica dos alunos, no que tange esses dois conceitos.

De acordo com o que foi levantado como objetivo, o trabalho pode discutir como foram trabalhadas as oficinas didáticas baseadas na Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa para o ensino de derivação na educação básica em sala de aula e, a partir da análise, pode-se concluir que os alunos tiveram avanços relevantes no aprendizado dos conteúdos.

Conclui-se que a experiência, na prática, pode mostrar que a Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa faz diferença para o ensino de língua portuguesa na educação básica, em especial para o ensino de morfologia. Tal avanço foi constatado também por meio da produção textual dos alunos, que souberam manipular as bases das palavras, derivá-las e utilizá-las corretamente no contexto frasal e, consequentemente, no texto.

Com os bons resultados mostrados neste artigo e com a perspectiva de maiores avanços para a educação, pode-se pensar na continuidade da pesquisa, no intuito de expandir e de levar esse método aos profissionais da educação básica, através de formações continuadas que tomem como base a Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa, a fim de continuar a gerar bons resultados e avanços no ensino-aprendizado dos alunos, por meio da utilização de atividades lúdicas e de novos métodos que desenvolvam a metacognição dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ARONOFF, M. **Word Formation in Generative Grammar.** Cambridge: The MIT Press, 1976.

BARBOSA, M. F. M. **Processamento e Representação de Palavras Complexas por Derivação**: Um Estudo Sobre a Sufixação do Português Brasileiro. 2017. 187 f. Tese (Doutorado) – Doutorado em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

BRANSFORD, J. D. et al. (org.). **Como as pessoas aprendem: cérebro, mente, experiência e escola.** São Paulo: Editora Senac, 2007.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

CÂMARA JÚNIOR, M**. Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes. 1970.

CEREJA, W. R. MAGALHÃES, T. C. **Português**: linguagens. 7. ed. São Paulo: Saraiva. 2012.

CHOMSKY, Noam. **Knowledge of Language: its nature, origin and use**. New York: Praeger, 1986.

DUARTE, M. E. Termos da Oração. In: VIEIRA, S. e BRANDÃO, S. **Ensino de Gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007.

FERREIRA, M. **Aprender e praticar gramática**. 4ª ed. São Paulo: FTD. 2014.

FOLTRAN, M. J. Ensino de sintaxe: atando as pontas. In: MARTINS, M. A. (Org.) **Gramática e ensino**. Natal: EDUFRN, p. 163-184, 2013. (Coleção Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino, vol. 1)

GIL, A. C. Como classificar as pesquisas. **Como elaborar projetos de pesquisa**, v. 4, p. 44-45, 2002.

GONÇALVES, C. A. Flexão e derivação: o grau. In: VIEIRA, S. R; BRANDÃO, S. F (Orgs.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, p. 149-168, 2007.

KENEDY, E. Possíveis contribuições da linguística gerativa à formação do professor de língua portuguesa. Revista de Letras, nº. 32, vol.1, 2013.

LOBATO, L. Linguística e Ensino de Línguas. In: PILATI, Eloisa et al. (Orgs.). Linguística e Ensino de Línguas. V2. Coleção Lucia Lobato. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2015 [1976].

MARTINS Júnior, J. S. **O ensino de flexão e derivação na abordagem da metodologia da aprendizagem linguística ativa**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Paulo, 2024. Disponível em: https://repositorio.unifesp.br/items/8a222bd6-c740-406b-82ae-3f3e1aab2b4d. Acesso em 25 de outubro de 2024.

MINUSSI, R. D. Revel na Escola: Gramática Formal e Ensino. ReVEL, v.19, n. 37, 2021.

MINUSSI, R. D.; BARBOSA, J. W. C. Ensino de morfologia: uma proposta de estrutura para o estudo das classes de palavras e da formação de palavras. ReVEL, v. 19, n. 37, 2021

MULLER, A. ; MARTINS, N. P. (Org.) *Ensino de gramática: reflexões sobre a semântica do português brasileiro*. 1. ed. Campinas: Pontes, 2021. Disponível em: https://semanticaensino.fflch.usp.br/sites/semanticaensino.fflch.usp.br/files/inline-files/Ensino_Gramatica%20ebook-compactado.pdf. Acesso em 15 de março de 2024.

PILATI, E. **Linguística, Gramática e Aprendizagem Ativa.** Campinas, SP. Pontes editores, 2017.

PILATI, E. Semelhanças e diferenças entre os conceitos de Aprendizagem Ativa e Aprendizagem Linguística Ativa. **Revista Linguíʃtica**, v. 17, n. 2, p. 108-122, 2021.

PIRES DE OLIVEIRA. R.; QUAREZEMIN, S. **Gramáticas na Escola**. São Paulo: Vozes, 2016.

ROCHA, L. C. A. **Estruturas morfológicas do português**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

SCHER, A. P.; MONTEIRO, B. N.; MARANGONI JUNIOR, C. E. Explorando as (Inter)faces da Morfologia: uma proposta para o ensino escolar. In: SCHER, A. P.; BARBOSA, J.; MARANGONI JUNIOR, C. E.; SILVA, B. P. (Orgs**.) A Gramática e a Linguística na sala de aula**. Campinas: Pontes Editores, p. 147-186, 2022.

TUFANO, D. **Minigramática:** Estudos de língua portuguesa. São Paulo: Editora Moderna. 2006.

Recebido: 31/5/2024
Aceito: 15/11/2024
Publicado: 19/11/2024